

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

Gustavo Castro Xavier

O HORÁRIO QUE ECOA:

Recorte temporal com ênfase no pôr do sol

Goiânia
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo do autor: **Gustavo Castro Xavier**

Título do trabalho: **O horário que ecoa: recorte temporal com ênfase no pôr do sol**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Odinaldo Da Costa Silva, Professor do Magistério Superior**, em 12/12/2024, às 08:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gustavo Castro Xavier, Discente**, em 12/12/2024, às 10:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5035825** e o código CRC **39A0DFEC**.

Referência: Processo nº 23070.015726/2024-02

SEI nº 5035825

Gustavo Castro Xavier

O HORÁRIO QUE ECOA:

Recorte temporal com ênfase no pôr do sol

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Artes Visuais Bacharelado da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel(a) em Artes Visuais Bacharelado

Orientador: Prof Dr. Odinaldo da Costa Silva

Goiânia
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Xavier, Gustavo Castro

O horário que ecoa [manuscrito] : recorte temporal com ênfase no pôr do sol / Gustavo Castro Xavier. - 2024.

LXXIX, 79 f.

Orientador: Profa. Dra. Odinaldo da Costa Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. pôr do sol. 2. fotografia. 3. memória. 4. representação. 5. autobiografia. I. Silva, Odinaldo da Costa, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 9 dias do mês de dezembro do ano de 2024 iniciou-se, às 9h15 no Auditório da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **O horário que ecoa: recorte temporal com ênfase no pôr do sol**, de autoria de **Gustavo Castro Xavier**, estudante do curso Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pelo orientador e presidente da banca, Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira (FAV/UFG) e Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) ao estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC Aprovado. A banca recomenda a continuidade e aprofundamento da pesquisa.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Odinaldo Da Costa Silva, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2024, às 06:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2024, às 09:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira, Professor do Magistério Superior**, em 11/12/2024, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5024644** e o código CRC **B7E5A840**.

Defendido publicamente em 9 de Dezembro de 2024,
pelos seguintes membros da banca:

Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva
Faculdade de Artes Visuais
Professor Orientador

Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues
Faculdade de Artes Visuais
Membro da Banca - Avaliador

Prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira
Faculdade de Artes Visuais
Membro da Banca – Avaliador

Goiânia (2024)

À minha eterna avó, dona Zilza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Simone e Clayton pela companhia, compreensão e confiança por me concederem suporte durante meu envolvimento na área artística.

Agradeço à minha namorada Maria Eduarda Gomes Rosa pelo suporte fundamental toda essa pesquisa; por ser um pilar para que eu suportasse a caminhada, me auxiliando sempre que possível nos aspectos emocional e prático dos trabalhos desenvolvidos.

Agradeço ao orientador Professor Odinaldo da Costa Silva pela orientação atenciosa e paciência em desenvolver este trabalho comigo sempre comprometido em me auxiliar.

Agradeço novamente ao professor e artista Odinaldo da Costa Silva por não apenas ter me apresentado à fotografia, mas sobretudo por fazer que eu me apaixonasse pela linguagem e me instigasse a me envolver nela.

Agradeço aos professores que encontrei durante minha jornada acadêmica, pelo aprendizado e novas perspectivas que me foram apresentadas, carrego para sempre estes conhecimentos.

RESUMO

A presente pesquisa em arte tem caráter prático-teórico e se constitui numa reflexão sobre o período do pôr do sol em meu processo artístico, entendendo este como um espaço para aproximações e formador de memórias, tendo como matriz poética fotografias realizadas em meu período acadêmico. Com o objetivo de compreender como meu processo transmite minha subjetividade através de diversas experiências relacionadas a este horário, realizou-se uma pesquisa sobre artistas que falam sobre autobiografia, memória e representação pessoal na fotografia, além de estudos aprofundados em materiais familiares. Enfatiza-se a compreensão da subjetividade e autobiografia existentes em meu processo fotográfico, a representação da materialidade e experiências individuais utilizando da fotografia como um meio de expressão, considerando os desafios deste processo interno.

Palavras-Chave: pôr do sol; fotografia; representação; memória; autobiografia.

ABSTRACT

This research in art has a practical-theoretical character and constitutes a reflection on the sunset period in my artistic process, understanding this as a space for approximations and forming memories, having as a poetic matrix photographs taken during my academic period. With the aim of understanding how my process conveys my individuality through different experiences related to this time, the research was carried out on artists who talk about autobiography, memory and personal representation in photography, in addition to in-depth studies of familiar materials. Emphasis is placed on understanding the subjectivity and autobiography that exists in my photographic process, the representation of materiality and individual experiences using photography as a means of expression, considering the challenges of this internal process.

Keywords: sunset; photography; representation; memory; autobiography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Retrato de Zilza Maria e José Salomão, 2024. Foto. Fonte: Acervo Pessoal.....	15
Figura 2 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	17
Figura 3 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	18
Figura 4 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	19
Figura 5 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	20
Figura 6 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	21
Figura 7 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	22
Figura 8 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	23
Figura 9 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	24
Figura 10 - Sublimação / Híbridas I. Fonte: http://ananitzan.com.br/hibridas-i/	25
Figura 11 - O príncipe melancólico, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	27
Figura 12 - <i>Ansioso</i> , 2024. 25 x 18,8 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	33
Figura 13 - <i>Só</i> , 2024. 25 x 18,8 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	34
Figura 14 - <i>Triste</i> , 2024. 25 x 18,8 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	35
Figura 15 - <i>Fortuito</i> , 2024. 25 x 18,8 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	36
Figura 16 - <i>Afe.to</i> , 2024. 25 x 18,8 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	37

Figura 17 - <i>Levez</i> , 2024. 25 x 18,8 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	38
Figura 18 - <i>Self Deceit #1</i> , Francesca Woodman, 1978, Rome, Italy. Fonte: https://www.artsy.net/artwork/francesca-woodman-self-deceit-number-1-rome-italy	40
Figura 19 - <i>The weather project</i> , 2003, Olafur Eliasson, London, 2003. Fonte: https://olafureliasson.net/artwork/the-weather-project-2003/	43
Figura 20 - Figura 20 - <i>Suns from Sunsets from Flickr</i> , Penelope Umbrico, 2006. Fonte: http://www.penelopeumbrico.net/index.php/project/suns-from-sunsets-from-flickr/	44
Figura 21 - Figura 21 - <i>Nan and Brian in Bed</i> , Nan Goldin, New York City, 1983. Fonte: https://www.moma.org/collection/works/101659	49
Figura 22 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	50
Figura 23 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	51
Figura 24 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	52
Figura 25 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	53
Figura 26 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	54
Figura 27 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	55
Figura 28 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	56
Figura 29 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	57
Figura 30 - <i>Passatempo</i> , 2022. 22,5 x 30 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	58
Figura 31 - Filme: <i>Viva - A vida é uma Festa</i> , 2017. Fonte: https://www.aplateia.com.br/2020/08/25/viva-a-vida-e-uma-festa-e-o-amor-em-familia	61

Figura 32 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	62
Figura 33 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	63
Figura 34 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	64
Figura 35 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	65
Figura 36 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal	66
Figura 37 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	67
Figura 38 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	68
Figura 39 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	69
Figura 40 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	70
Figura 41 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital. Fonte: Acervo Pessoal.....	71

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo 1: O Pôr do Sol	15
1.1: Um olhar profundo na memória	26
1.2: O desafio.....	31
Capítulo 2: O Calor	45
2.1: Memórias em objetos	47
Considerações Finais.....	72
Referências.....	74

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu da necessidade de reflexão sobre meu processo artístico no âmbito fotográfico e o elemento que fomenta minhas produções no momento atual, o pôr do sol. Uma análise desde meu início nesta linguagem artística, em um processo de entendimento sobre essa energia que me move e os desdobramentos que o elemento em questão adquire ao longo do processo. Conforme aperfeiçoei meu olhar para dentro de meu trabalho, a fotografia se tornou mais densa e carregada, o que gerou novos registros, em que cada um deles contam um pouco de mim. Ênfase nesta pesquisa o pôr do sol, o elemento principal em meu processo, numa investigação da minha relação com o evento, meu ponto de partida e a resignificação deste a partir de meu olhar e experiências, materializado em trabalhos fotográficos.

Foi dessa vontade, de desvendar as inquietações que me fazem admirar tanto esse horário, que nasceu o presente estudo, uma pesquisa em arte de caráter autobiográfico. Entendo este trabalho não apenas como uma oportunidade de reflexão sobre aspectos teóricos e práticos da minha produção, mas também uma pesquisa para propor diálogos e perspectivas sobre algo tão natural que se repete todos os dias e as vezes passa despercebido, a partir de propostas fotográficas que lidam com intimidade e personalidade.

Para além disso, minha investigação registra o processo de descoberta e reconhecimento da importância da socialização familiar e o compartilhar de histórias no meu processo de criação, um lado que por muito tempo deixei de lado durante minha vida, que se tornou algo valioso que desejo carregar comigo em meu processo artístico.

Ao longo da graduação em Artes Visuais - Bacharelado foram realizadas práticas fotográficas de maneira experimental, de maneira exploratória do meu olhar para a fotografia, para aprimorar e compreender o que me instiga, indo ao encontro com as ideias desta pesquisa no pôr do sol. A princípio, acreditava que essa atração por esse momento do meu dia era apenas superficial, mas com o desenvolvimento da pesquisa essa percepção minha se transformou de forma que, desse horário, constituía minha arte.

Concomitantemente à prática, foram realizadas leituras de referenciais artísticos e teóricos que tangenciam o meu interesse e a sua abordagem, visando compreender outras concepções e perspectivas relacionadas.

Em um primeiro momento, voltei-me para uma reflexão desta trajetória e observei como esta vontade inicial de retratar momentos do pôr do sol e ele em si se desenvolveu para um olhar mais atento às questões familiares e a relação de momentos importantes que tive em minha vida com o horário, para, então, definir o tema desta pesquisa.

Posteriormente, realizei uma análise bibliográfica sobre os significados que o pôr do sol adquiriu para mim, permitindo compreender profundamente os diálogos nele que me interessavam. Portanto, com a base teórica inicial estabelecida, surgiram possibilidades artísticas que identifiquei no pôr do sol e formas sobre como desejo prosseguir neste interesse.

Por conseguinte, retomo as ideias trabalhadas de forma condensada, desenvolvendo os aprendizados e possíveis aplicações em trabalhos futuros, uma vontade futura que surgiu com os entendimentos adquiridos durante a pesquisa.

Assim sendo, no primeiro capítulo falo sobre o caminho e o desenvolver do pôr do sol como o ponto de partida desta pesquisa; compreendendo minha intensa vontade de representá-lo a partir de minha percepção e experiências relacionadas; Com objetivo de entender mais a respeito de conhecimentos sobre autobiografia e pesquisa em artes visuais, realizo este diálogo a partir de estudiosas como Sandra Rey e Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues; além de refletir sobre o horário em questão no qual o evento pôr do sol engloba e como ele é fundamental em minha pesquisa.

No segundo capítulo me volto para a análise do sol poente, onde realizo diálogos entre objetos de memória e interpretações deste com a minha pesquisa, entendendo de forma a relacionar e analisar este horário como um meio para aproximações.

Ao fim, diálogo a respeito dos desdobramentos percebidos a partir do aprofundamento do pôr do sol, aplicações futuras de aprendizados adquiridos com o

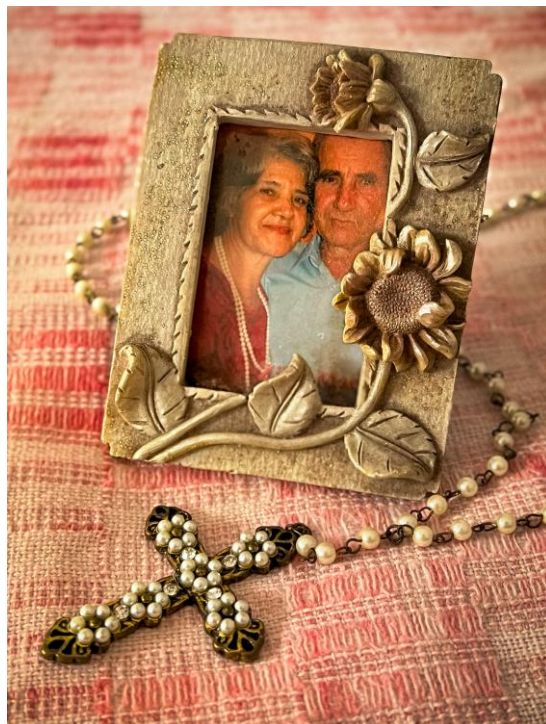
estudo e retomo como o compartilhar de momentos e aproximações contribuem para o desenvolvimento de aspectos artísticos de um sujeito.

1. O pôr do sol

De forma a ter uma melhor compreensão do tema e dos objetivos desta pesquisa, é importante entender o meu ponto de partida. O pôr do sol é o elemento essencial para o desenvolvimento do aspecto autobiográfico dos trabalhos realizados, me aprofundo na compreensão das motivações e das experiências relacionadas a este horário. Além de leituras e abordagens da definição do pôr do sol e aproximações com referências.

Fui criado por pais que valorizam muito encontros e festas em família. Desde pequeno estava inserido em reuniões familiares com parentes tanto de parte materna, quanto paterna, portanto, estive rodeado de pessoas animadas e muito vividas, em especial minha avó materna, dona Zilza. Minha mãe toda a vida fez questão de que eu fizesse parte e me envolvesse nesses momentos, mas de nascença puxei o lado de meu pai, sendo mais introvertido e observador, desenhando e fazendo arte no meu mundo. Cresci então vendo tanto quem gosta e valoriza bastante esses eventos e desejavam carregá-los na memória deles, mas me encontrava à parte deles, um fato meu que perdura até os dias de hoje.

Figura 1 - Retrato de Zilza Maria e José Salomão, 2024.



Fonte: Acervo pessoal.

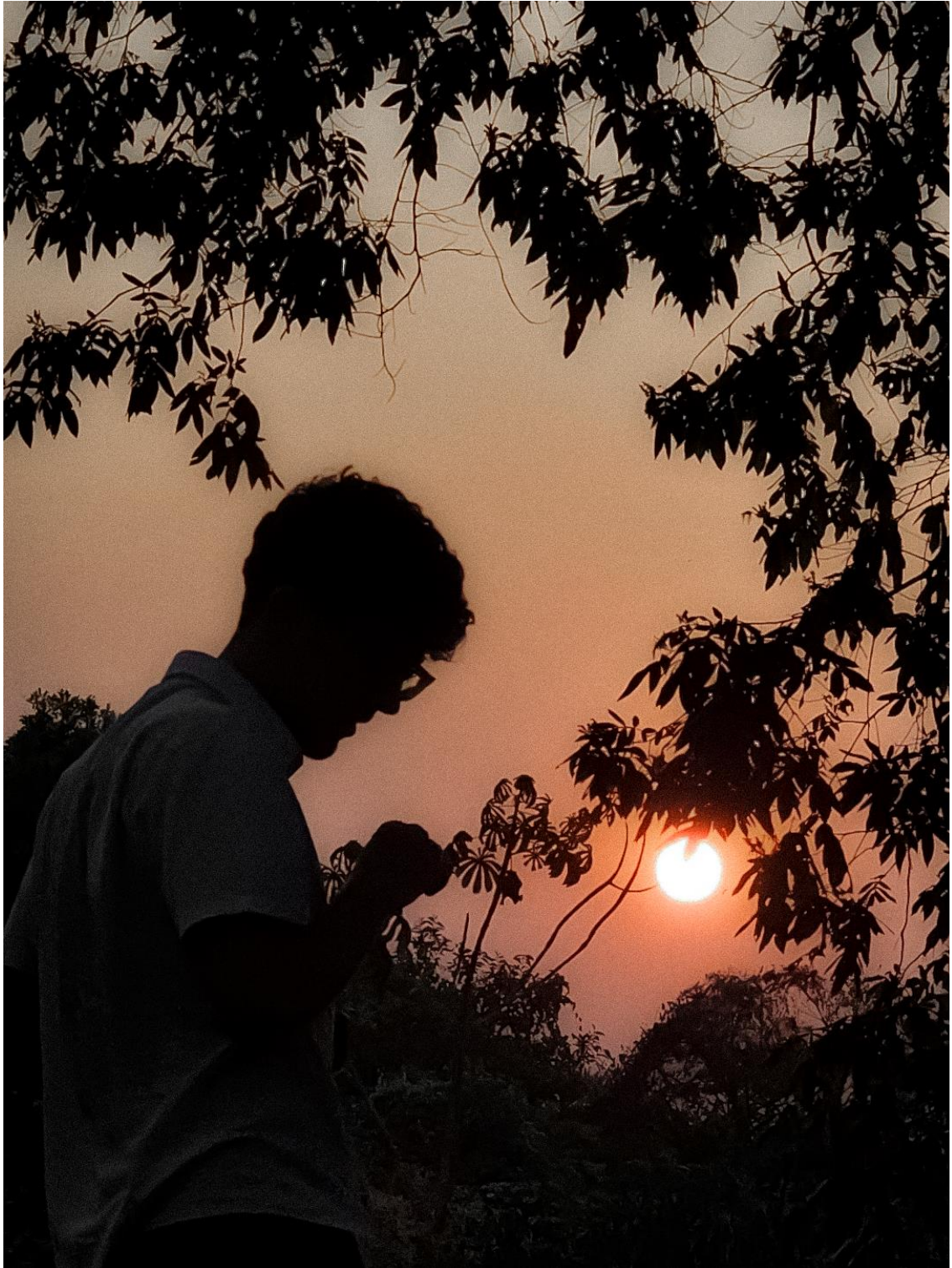
Reuniões familiares foram uma questão importante para minha família, desde participar delas até promovê-las. Quando criança minha mãe me disse uma vez que se não participássemos destas experiências, apenas veríamos nossos parentes no velório deles, fala que se provou verdadeira um tempo depois em um momento em que alguns parentes acabaram por falecer, entre estes a minha querida avó. O falecimento de minha avó foi um evento traumático, que me marcou profundamente. Sendo diabética e de pouca saúde, ela se foi em paz quando eu tinha 15 anos, deixando memórias e ensinamentos que carrego comigo para a vida.

Anos depois, entrei na Faculdade de Artes Visuais no curso de Artes Visuais Bacharelado, onde queria entender mais o meu lado artístico e minha história como artista. Explorei diversas áreas da arte e me encontrei na fotografia, apresentada na disciplina de Fotografia pelo professor Odinaldo da Costa Silva.

Então de forma experimental passei a fotografar mais coisas que me chamavam atenção, a fim de aperfeiçoar tanto meu olhar fotográfico quanto conhecimentos estéticos sobre o meio que me envolvia. Inicialmente, os trabalhos executados eram bastante parecidos e despreziosos, espontâneas, sem estrutura ou composição definidas, sem critérios rígidos para a seleção dos elementos que eram inseridos, em uma busca pelo desconhecido.

Com o passar do tempo, entre tantos experimentos, comecei a perceber como eu inseria o pôr do sol em meus trabalhos de maneira relativamente frequente. A contemplação desse evento e a adição dele no meu processo se iniciou a partir de um apreço estético. Meu pensamento, ainda em desenvolvimento na época, não havia compreendido a profundidade que este elemento tinha e as histórias que no fundo do meu ser, inclinavam meus trabalhos para aquele horário. Segue abaixo algumas fotografias como exemplificação de como o pôr do sol se iniciou em minha produção.

Figura 2 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital.



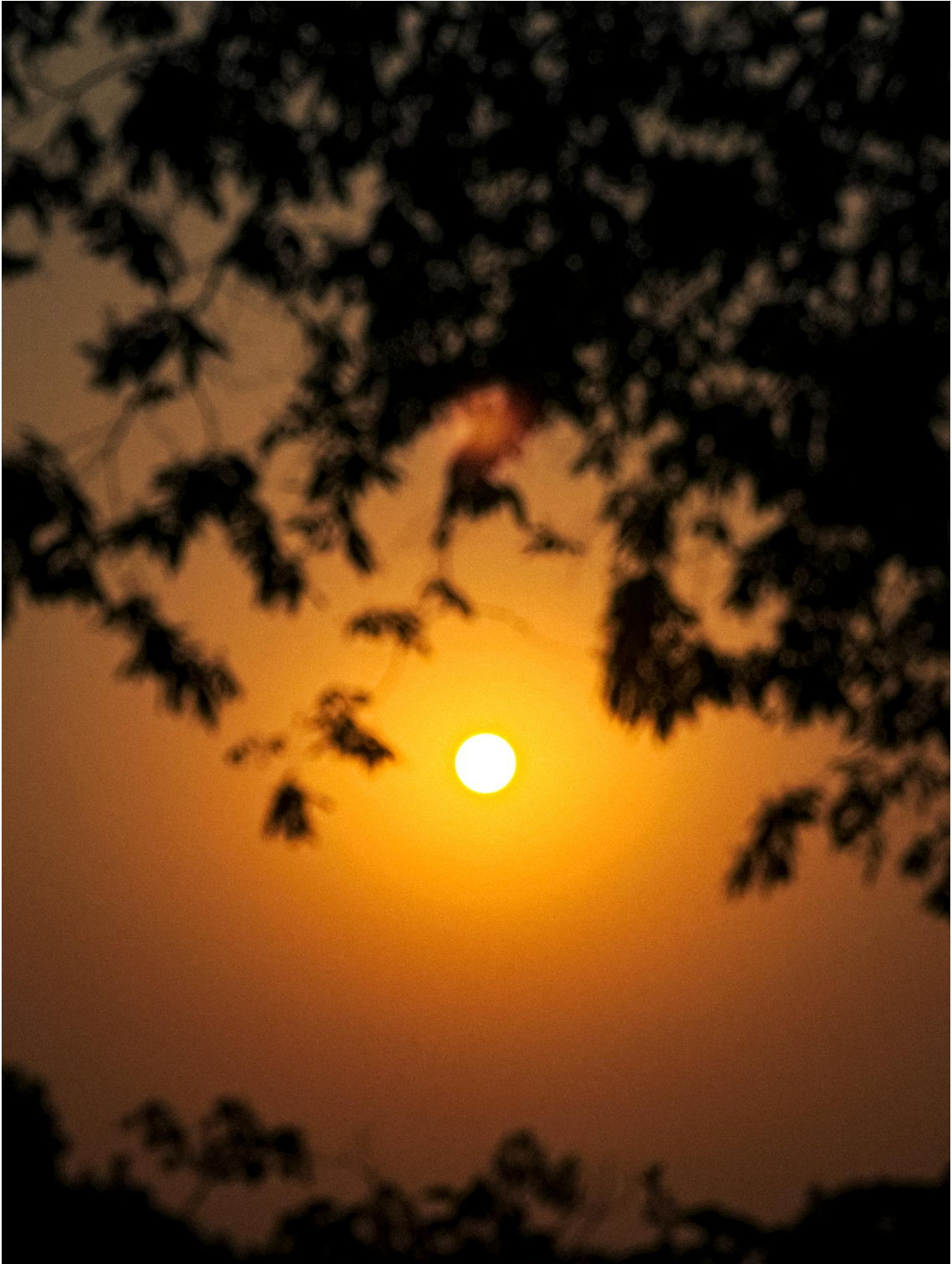
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 4 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 6 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 7 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 8 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 9 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo pessoal.

Entre as várias fotografias realizadas desde aquela matéria que me introduziu neste mundo, percebi de que o meu processo se tratava de um estudo sobre mim e que a partir deste constituía a obra. Encontrei o vislumbre de um caminho após aquele longo período de experimentações. Me apoiei durante essa fase no dito de Sandra Rey (1997, p. 84): “Errar é a dissipação das possibilidades da obra, apontando caminhos para aquela, ou talvez, para outras obras que virão”. O erro é essencial na fotografia, uma vez que, apenas errando bastante, encontrei o que me agradava .

Foi apenas durante o segundo semestre de 2023 que tornei a refletir por tudo que desenvolvi até então conforme o trabalho de conclusão de curso se tornava uma realidade cada vez mais próxima. Durante a disciplina de Laboratório de Produção Artística 2 fui acompanhado e auxiliado pela professora Eliane Maria Chaud, que me instigou e incentivou bastante, auxiliando em minha busca pelo que me motiva na arte.

Tive contato então com a ideia de uma obsessão incompreendida a partir da leitura do livro *Sublimação* da artista plástica Ana Nitzan (1968-). Um livro composto por fotografias e um relato da autora, sobre uma fixação que ela teve em galhos de árvores e como, a partir de estudos sobre aquela inquietação, descobriu mais sobre si mesma. Dessa forma, fui impulsionado a estudar o pôr do sol e seus desdobramentos a partir da referência apresentada, na ânsia de compreender mais sobre meu eu artista.

Figura 10 - Sublimação / Híbridas I



Fonte: <http://ananitzan.com.br>

Chego então ao estudo do pôr do sol, me envolvendo em tudo que o termo significa. O evento físico, suas cores e efeitos atmosféricos, o horário e eventos que acontecem durante. A partir desses elementos, iniciei uma nova fase de produção, onde explorei sentimentos e emoções a partir da fotografia a fim de compreender meu olhar para a materialidade fotográfica.

Minhas experiências vividas, especialmente durante a infância, influenciaram poderosamente o desenvolvimento da minha pessoa. O falecimento da minha avó foi na minha infância, sobretudo, um evento de difícil aceitação e que leva tempo para ser processado. Em uma reação de defesa, meu cérebro bloqueou grande parte das minhas memórias relacionadas à minha infância e minha querida avó para que eu suportasse a dor que havia me causado, trauma diagnosticado no futuro com uma

psicóloga. Dessa forma, durante esta pesquisa compreendi, anos após o ocorrido, a importância de falar sobre o evento do pôr do sol, o elemento que após o trauma vivido, não se perdeu em minhas memórias. Desse modo, pensá-lo como algo que me provoque na arte, se revela como uma tentativa de trazer para a realidade, sentimentos agradáveis que já não existem mais.

1.1. Um olhar profundo na memória

Visualizo que a relação do meu processo artístico com o pôr do sol se encontra, principalmente, nas vivências que tive neste horário. O pôr do sol é importante pelo que ele me recorda. Ele me permite enxergar, sentir e imaginar histórias através das cores, calor, sorrisos e olhares.

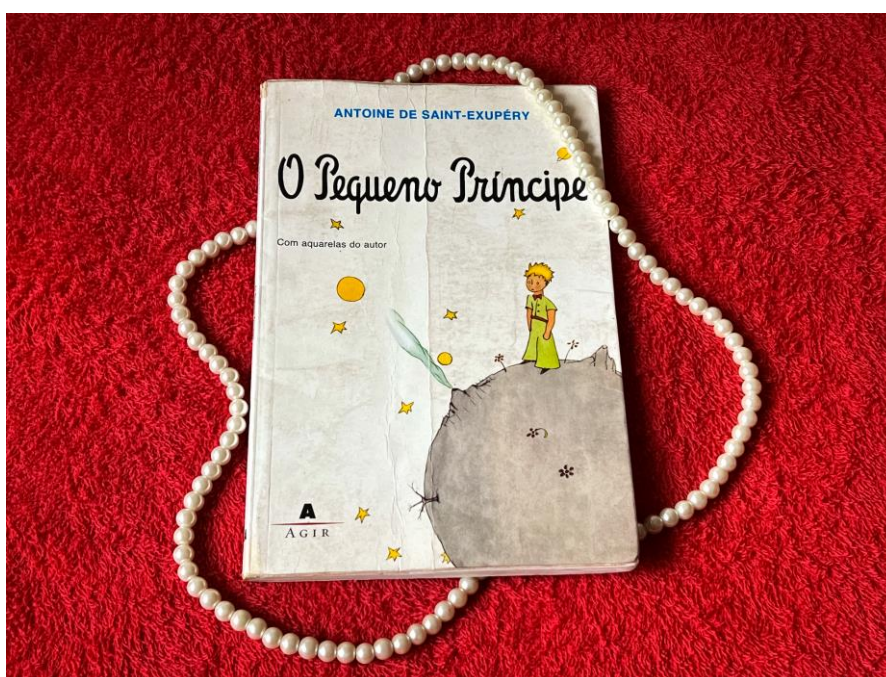
Como dito, minha avó é a motivação base de todo meu processo por todos os momentos que tive com ela e ensinamentos que ela me passou. Me recordo de passar as tardes fazendo companhia para ela em sua casa junto de meu primo e minha irmã. Ao final das tardes, antes de ir embora com meus pais, observava ela cuidando das rosas que tinha no quintal, rosas vermelhas que se inclinavam para o laranja com o iluminar do sol poente. Dona Zilza podava suas roseiras sentada em sua cadeira de madeira, um momento em que era possível ver e sentir o carinho com que ela cuidava delas e as usava como decoração ao longo da casa, para que todos que fossem lhe fazer uma visita contemplassem as flores que ela tanto amava.

Minha avó era uma pessoa de muita sabedoria, sendo um suporte essencial na minha formação como pessoa. Tive diversas conversas com ela, principalmente em seus últimos anos de vida, uma vez que, por estar mais fraca de saúde, foi embora de sua roça no município de Uirapuru\GO e passou a residir em Goiânia. Muitas destas conversas tivemos durante os lanches de fim de tarde, comendo bolo de fubá que ela mesma fazia e suco de acerola. Novamente, na companhia do pôr do sol, que ouvia comigo as lições e perspectivas de como lidar com coisas que aconteciam na vida ensinadas por ela. Durante minhas reflexões ao longo desta pesquisa, compreendo agora que carreguei esses aprendizados comigo anos após seu falecimento, percebo que parte dela sempre esteve em mim.

Na minha infância, faço parte de uma família que valoriza a leitura, valores estimulados especialmente pela minha avó que foi um dia professora. Dessa forma,

havia livros ao meu alcance a todo momento, mesmo que eu não tenha feito a leitura de todos. Foi então que durante uma pesquisa familiar para este trabalho, encontrei o livro *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, um livro do meu tio Matheus, filho da minha avó, livro este que me trouxe novamente mais recordações sobre o sol. Lembro-me de que minha avó disse que deveria ler aquele livro pois parecia muito comigo. Não entendi aquele comentário e confesso que até hoje sigo sem compreendê-lo totalmente, talvez tenha dito isso por eu ser mais fechado e introspectivo como o pequeno garoto do livro, me resta pensar sobre.

Figura 11 - O príncipe melancólico, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Então, decidi ler o livro novamente e me deparei com a metáfora do pôr do sol. Em determinado trecho, o pequeno príncipe admira o pôr do sol várias vezes em seu pequeno planeta sem uma resposta certa do porquê e isso me marcou profundamente ao longo do desenvolvimento desta pesquisa:

— Um dia, vi o sol se pôr quarenta e quatro vezes! E um pouco mais tarde você acrescentou: — Sabe... quando ficamos realmente tristes, gostamos do pôr do sol... — Quer dizer que, nesse dia das quarenta e quatro vezes, você estava mesmo muito triste? Mas o príncipezinho não respondeu. (Saint-Exupéry, 2009, p.24-25)

Eu havia lido *O Pequeno Príncipe* há muitos anos atrás, e pouco sobre a história me lembrava, havia uma lembrança muito marcante de uma conversa entre o piloto e o pequeno príncipe sobre o pôr do sol em minha memória. Ansioso então por entender sobre o que se tratava essa recordação voltei a ler novamente o livro.

A conversa se dava a partir de uma compreensão que o piloto do avião teve sobre a monotonia do asteroide do príncipezinho em seu planeta, esse que é revelado ao fim do livro ser o asteroide B612. A única coisa que distraía o príncipezinho durante seus curtos dias era a doçura de observar o pôr do sol. Para presenciar o sol poente naquele pequeno asteroide, bastava recuar um pouco a cadeira enquanto o apreciava. Fiquei então intrigado enquanto lia, me questionando qual sentido eu poderia extrair dessa frase.

O sol é amplamente reverenciado em várias culturas ao redor do mundo, representa noções como nascimento, vitalidade, força e poder. Já o pôr do sol sugere um conceito quase que oposto a tudo que o sol simboliza nas culturas mundo afora. Geralmente, o pôr do sol é relacionado ao fim de jornadas, à premonição da escuridão, ao fim. Interpreto que a fala do pequeno príncipe no trecho em questão enxergava o sol poente com esperança, de que no próximo dia seria melhor do que o anterior, uma nova oportunidade.

Enxergo que o pôr do sol me mostra a passagem do tempo, e ela deve ser valorizada ao máximo. Embora o sol sempre retorna no outro dia, não podemos prever quando teremos nosso último crepúsculo. O pôr do sol me faz olhar para trás e me questionar: o decorrer do dia valeu a pena? Uma oportunidade de refletir sobre a vida, as suas felicidades e tristezas. Penso que devo apreciar cada pôr do sol que for necessário até que surja um entendimento claro do que está acontecendo, e isso exige paciência e respeito com o processo. Talvez seja por isso que o pequeno príncipe precisou de ver o pôr do sol 44 vezes até se sentir preparado para o que acontecesse no outro dia.

O pôr do sol me lembra vários momentos com a minha avó, e de certa forma, meu trabalho diz respeito sobre essa convivência que tive com ela. Este horário estimulou-me a aprofundar mais em questões que me atingem mais profundamente e que ainda era inconsciente sobre elas. Conforme prosseguia com a leitura me conectava cada vez mais com o livro e instigado pelas questões que ele acabou

gerando. Durante um diálogo entre o príncipe e a marcante raposa da história, em uma conversa sobre a rosa que o melancólico príncipezinho havia cuidado antes no livro, e o animal fala sobre ela: “Vai rever as rosas. Tu compreenderás que a tua, é a única no mundo.” (Exupéry; Antoine, 2009, p.70).

Com este fragmento me tornei mais íntimo ainda com a indicação da minha avó. Cada vez mais profundo na memória da minha avó, e realmente como disse a raposa, ela foi uma pessoa única, com ensinamentos e experiências únicos da nossa relação. E essas mesmas situações que compartilhei com ela que a tornaram o símbolo que ela é no meu processo artístico.

Outro trecho do mesmo diálogo dito também pela raposa “Foi o tempo que perdeste com a tua rosa que a fez tão importante” (Exupéry; Antoine, 2009, p.72). A frase dita dá continuidade sobre a importância da rosa para o príncipezinho, e me fez pensar bastante sobre dona Zilza. Apenas substituiria a palavra “perdeste” por algum antônimo da mesma, percebo que as experiências compartilhadas não são como uma perda, e sim como momentos que agregaram. São as experiências que criam boas lembranças para o futuro, que marcam o íntimo individual e geram recordações

Esse diálogo entre os personagens trouxe novas perspectivas para o meu trabalho, sobre como o pôr do sol se desdobra cada vez mais na questão da memória familiar dos meus avós. Decidi então continuar investigando esta relação que tinha com eles, o sol poente me revelando cada vez mais sobre mim. O livro *O Pequeno Príncipe* gerou dúvidas sobre o que realmente sentia sobre essa investigação, reconhecer até onde meu trauma me permitia aprofundar nessa questão, o quanto falar sobre as rosas da minha avó sem me machucar em seus acúleos, tal qual o príncipezinho e sua rosa.

Entender o que eu ainda sinto ao falar sobre isso é importante, uma vez que meu processo envolve todos estes momentos vividos. Durante a leitura de *Luto e Melancolia* (Freud, 1917) Freud explica que a melancolia se trata de uma identificação regressiva com o que foi perdido, tendo uma pretensão patológica, já o luto se trata de uma reação comum à perda. A forma como eu lidei com o falecimento de minha avó na infância, foi durante um tempo um período de melancolia sobre o que aconteceu, onde minhas memórias pela pessoa querida todas foram bloqueadas e a apatia me consumiu sobre qualquer aspecto da vida. Não é isso que busco com este

trabalho e minhas produções, o pôr do sol por mais que seja o símbolo do fim do dia, foi a luz que me iluminou para questões as quais bloqueei e virei as costas ao invés de lidar com elas. Me interessa trazer as boas sensações dos meus encontros de fim de tarde, a saudade boa do que já não existe mais, entender que o fim é natural e que não deixa apenas a parte ruim do término para trás, deixa muito mais que isso.

Não vivo em um pequeno asteroide onde apenas o mover a cadeira um pouco para frente permite eu rever o pôr do sol. Eu preciso viver dia após dia se quiser presenciar ele novamente. E isso me ensinou que o sol desce no horizonte no momento adequado, alheio à minha vontade. Nem tudo ocorre conforme meus desejos imediatos, mas é essencial confiar no curso invisível da vida e acreditar que as coisas acontecerão no tempo certo.

Com isso em mente, realizei o ensaio fotográfico: “*Sentimentos de Fim de Tarde*”, um trabalho inicialmente pensado como um experimento, mas ganhou grande importância em meu processo. O ensaio surgiu de um desafio que me fiz de inserir mais vezes a minha imagem nas minhas fotografias. Após tomar conhecimento do ambiente artístico autobiográfico que meu trabalho havia adquirido, senti necessidade de inovar e fazer algo que nunca havia feito até então, inserir eu mesmo na fotografia.

Por outro lado, tais histórias de vida passam a interferir na criação dos próprios trabalhos artísticos, direcionando escolhas quanto a materiais, processos e formas de representação/apresentação. Assim, no contexto desse tipo de prática, a história oral passa a produzir não só dados de pesquisa, mas também materiais e relações sociais que passam a interferir e integrar os próprios trabalhos artísticos produzidos. (Rodrigues, 2021, p. 104)

Manoela Rodrigues fala sobre a interferência do meio social nos trabalhos artísticos, o meu processo durante o desenvolver do trabalho revela como o toque do meu ambiente familiar molda meu fazer artístico, e como coisas que sempre julguei como indiferentes para o meu ser, estão encravadas internamente. As reuniões em família que não tinha interesse, as puxadas de canto para conversar dos adultos que tive na infância, a energia dos meus pais em realizar encontros em vida com os parentes surgem agora, anos no futuro como um fator essencial sobre como eu reconheço a minha produção como minha identidade e expressão.

Falar sobre família após tanto tempo deixando de lado é uma tarefa difícil. Recordar aniversários e festas em família que eu não me envolvi verdadeiramente

com o evento não foi fácil durante a pesquisa familiar, mas de acordo com as conversas que tive com meus pais sobre estes momentos, percebi cada vez mais a importância da minha avó materna nisso tudo. Começo a enxergar que Zilza sempre estava nessas situações que me vêm na memória, como se ela fosse o elemento que tornou tudo isso que negligenciei e deixei passar na época especial, ela é parte da minha memória.

Penso cada vez mais nesse pôr do sol como uma grande metáfora sobre a minha avó e tudo isso que vivi junto a ela. Vejo que parti toda minha pesquisa através do ocaso e sempre acabo retornando para a mesma velhinha, sinto esse sol ao horizonte cada vez mais se esparramando em memórias e diálogos neste trabalho. A história oral que conto de tudo isso que vivi não são mais apenas histórias, mas se emaranham e tornam agora parte do meu trabalho, e começo a me entender gradativamente e como quero trabalhar com estas novas perspectivas para minhas experiências. Eu decidi então que queria me envolver completamente nesse trabalho, sentir tudo e me jogar nesse monte de emoções que me deparo quando eu olho pro horizonte e vejo o sol.

Conforme me tornava cada vez mais íntimo do meu processo de fotografar, das minhas ânsias e elementos autobiográficos que me moldaram, utilizar minha imagem na fotografia me pareceu interessante. Então, além de apenas fotografar o pôr do sol, me registrei no horário em questão, de corpo inteiro na sala da minha casa, me coloquei em uma posição vulnerável, e deixei os sentimentos daquela nova experiência ditarem os resultados fotográficos, em um movimento quase que performático. Almejando expressar corporalmente todos os sentimentos que já tive durante os diversos pores do sol, me posicionei de várias formas no sofá daquela sala. Sendo um trabalho muito importante já que, até então, não havia feito uma fotografia que incluísse meu corpo ou meu rosto.

1.2. O desafio

O artista dinamarquês Olafur Eliasson diz no documentário *Abstract: The Art of Design* encontrado na plataforma de streaming Netflix que: "Por uma questão de sanidade, o cérebro e os olhos mantêm as coisas simples. Mas tire a sensação de vista e repentinamente as coisas não são tão simples." Apoiado nessa fala, optei por não inserir o elemento do pôr do sol visualmente na fotografia, no entanto a realizei

no horário que me move. De certa forma, a fotografia que menos deixou explícito o pôr do sol, foi a que mais me agradou em falar sobre a importância dele para mim, então decidi maturar a ideia.

Figura 12 - *Ansioso*, 2024. 25 x 18,8 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 13 - Só, 2024. 25 x 18,8 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 14 - Triste, 2024. 25 x 18,8 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 15 - *Fortuito*, 2024. 25 x 18,8 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 16 - *Afeto*, 2024. 25 x 18,8 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 17 - *Levez*, 2024. 25 x 18,8 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

A partir do trabalho “*Sentimentos de Fim de Tarde*”, fiquei motivado a entender mais sobre autobiografia e os desdobramentos de experiências e aproximações sociais na minha vida como um estudante de arte. Um desejo de aprofundar e compreender cada vez mais as subjetividades que o pôr do sol têm na minha vida. Então, direcionei minhas pesquisas para elementos que me conectam com esse pôr do sol tão intenso para o meu ser.

Como dito, o evento pôr do sol cada vez mais foi se desdobrando em minhas fotografias, agindo como o motivador de tudo, mas não elemento de interesse fotográfico, e sim tudo que ele engloba. Entender que mesmo ele não fazendo parte das composições visualmente, ele ainda estava presente, ele se trata do início de todo este trabalho e a partir dele que conto um pouco sobre mim. Entender que o que eu realmente faço é contar uma pequena parte de mim em cada uma das fotografias.

Nele sucede com particular frequência que seja "lembrado" algo que não poderia jamais ser "esquecido", pois em tempo algum foi percebido, nunca foi consciente e, além disso, parece não fazer nenhuma diferença, para o decurso psíquico, se uma dessas "conexões" era consciente e foi então esquecida, ou se jamais alcançou a consciência. (Freud, 1914, p. 194)

Recordar é um processo importante no desenvolvimento do meu trabalho. A compreensão de momentos e lidar com eles à medida que me recordo foi inicialmente um exercício complexo, lidar e sentir emoções de situações às quais minha mente bloqueou na infância dos encontros na penumbra das 18 horas muitas das vezes não resultaram em novas ideias familiares para trabalhar. Foi então que recorri à ajuda de meus pais que estiveram presentes nesses momentos também, junto comigo ao longo da infância. Eles que me buscavam na casa da minha avó, das minhas saídas de skate até ela e faziam parte das conversas à mesa junto com todo mundo.

Repetir essa tarefa, de me conhecer mais, entender o meu pôr do sol, relembrar do que me toca é desafiador, por isso não poupei esforços para me encontrar no horizonte. A constante repetição desses pequenos esforços relacionados ao meu trauma de infância foi alimentada pelo pensamento de que era uma atividade tal qual a forma como tiro minhas fotografias que me movem, sempre no horário do sol poente tirar uma foto onde quer que eu estivesse com o sentimento que fosse, envolver esse sol laranja nas minhas memórias e reflexões do dia a dia sobre mim. Repetir aquele processo todos os dias que fosse possível como numa espécie de

diário, desvendar minha identidade se tornou a forma que encontrei a coragem para aprimorar a minha própria imagem como elemento na fotografia, e também a liberdade de desenvolver o conceito de autorretrato nos meus trabalhos.

Elaborar essas ideias nos projetos fotográficos, traduzir meus pensamentos através da lente para fotografias era meu objetivo. Trabalhei então as minhas concepções individuais sobre o que seria me autorretratar sem a minha imagem como objeto de composição. Entendo o autorretrato como uma forma de reafirmar a minha existência como realmente um artista e que produz arte e que para isso, para falar sobre minha identidade nas minhas fotografias são realizadas uma série de escolhas sobre os elementos que me “materializam” na produção. Que cenários, objetos, pessoas, elementos, paleta de cores, expressões ou dimensões traduzem o Gustavo nas minhas fotografias. Da mesma forma que Vivian Maier ou Francesca Woodman têm suas linguagens a respeito de seus autorretratos, eu quero desenvolver o meu olhar.

Figura 18 - *Self Deceit #1*, Francesca Woodman, 1978, Rome, Italy.



Fonte: <https://www.artsy.net/artwork/francesca-woodman-self-deceit-number-1-rome-italy>

Para exercer essa faculdade do cérebro (que é a Memória), deve-se escolher, em pensamento, lugares distintos, depois formar para si imagens das coisas que se quer reter e finalmente organizar essas imagens em diversos lugares. Então a ordem dos lugares conserva a ordem das coisas, pois as imagens

lembram as próprias coisas. Os lugares são tabuinhas de cera nas quais se escreve: as imagens são as letras que nelas se traçam' (Dubois, 1993, p. 314 *apud* De oratore II, 86, p. 351-354).

O trecho de Dubois encontrado durante as investigações apresentou-me uma nova forma de olhar para os aprofundamentos sobre a minha fotografia e os desdobramentos do pôr do sol ao longo do caminho. Entender que qualquer informação encontrada e eventos marcantes que viessem a se tornar interesse para o trabalho são importantes e que, independentemente da forma ou ordem com as quais estes surgissem, eles são essenciais para o desenvolvimento das histórias sobre o horário em questão. Nem sempre as peças do quebra cabeça iriam se encaixar perfeitamente ou em uma ordem clara, mas isso não significa que deveriam ser deixadas de lado, e sim guardadas para conexões futuras com outras que se formassem.

Conforme continuava essa pesquisa familiar me deparo com diversas memórias, novamente que retornavam para a minha avó quando pensava sobre o pôr do sol, que trazem consigo objetos que são marcantes e após observações do meu passado, recorrentes e que me trazem boas memórias. São diversas recordações vindas de colares de pérolas, terços, cobertas, retratos no álbum de família e até mesmo alimentos que geram essas sensações. Decidi então, explorar eles como um ponto de partida para melhor desenvolver a ideia do autorretrato para mim, falar sobre o valor deles e o peso que carregam, utilizando desses meus sentimentos com a memória destes objetos como um guia.

Não há ordem cronológica ou sequencial definida para minhas recordações, nada é muito claro conforme eu relembro, são momentos espaçados da minha infância e sem conexão de datas ou anos. Uma experiência que auxiliou muito neste processo foi sentar com minha mãe Simone no fim de uma tarde qualquer junto ao sol se pondo e abrimos nossos álbuns de família, que são apenas dois e com poucas fotografias porque câmeras fotográficas nunca foram algo acessível no passado. Existem poucas imagens da minha infância com dona Zilza, praticamente nenhuma que me despertaram novas recordações com ela, apenas o trabalho da minha mente e exercitar gatilhos que me levassem ao passado me ajudariam nessa viagem no tempo, mas sentar com minha mãe e falar sobre o passado foi muito gratificante, o

momento entre nós e as risadas me fez lembrar que minha mãe é filha do meu sol, a minha avó.

O historiador de arte Charles Townsend Harrison (1942-2009) conceitua que durante o nascimento do modernismo, o autorretrato não se tratava da simples semelhança entre o artista e a sua representação, passando de algo de natureza fisiológico para psicológico. Contemplar então estas ideias e iniciar em uma nova etapa no processo fotográfico, almejo buscar objetos que dialoguem com o pôr do sol, que falem cada vez mais um pouco sobre mim.

O Poder da memória é prodigioso", observou Santo Agostinho. "É um santuário vasto e incomensurável. Quem pode sondar suas profundezas? E, no entanto, é uma faculdade da minha alma. Embora seja parte da minha natureza, não posso compreender tudo que sou. Isto significa, que a mente é estreita demais para conter a si mesma inteiramente. Mas onde está essa parte da mente que não está contida nela mesma? Estará em algum ponto fora dela e não em seu interior? De que modo, portanto, pode ser uma parte da mente, se não está contida nela? (Canton, 2009, p.34; *apud* Agualusa, *O vendedor de passados*, 1960, p. 101)

Assim como Kátia Canton expõe em seu livro *Tempo e Memória*, essa minha busca por aprofundamento sobre o meu indivíduo não é uma busca por respostas exatas e perfeitas que me descreveriam e apresentariam com clareza o meu ser, mas sim se trata de um desejo de lidar melhor com questões abandonadas no tempo. Tenho bastante este hábito de racionalizar demais as coisas e buscar os porquês de tudo que é novo para mim ou tenho dúvidas, e foi uma tarefa árdua, compreender que esse trabalho artístico, esse meu interesse é muito mais profundo e que não existem motivos ou palavras para explicar a sua origem, ele simplesmente é maior do que eu e consome o meu ser. Encontrar todas as respostas não é o caminho que quero seguir.

Na medida em que relaciono a conexão do presente com o passado, assumo que quaisquer vestígios que me recorram pessoas e momentos relacionados ao pôr do sol tem capacidade de serem explorados no meu trabalho fotográfico. Assim, não se trata de objetos com sentido prontos e acabados a serem incluídos, mas travessias até o que me instiga, sem implicar necessariamente numa reelaboração do passado, nem tampouco numa reconstituição histórica. Estimulado pela série realizada na sala da minha casa, iniciar uma nova fase na pesquisa, a fim de relacionar estes objetos atrelados ao pôr do sol e como as experiências que tive com eles em um tempo

passado, repercutem internamente e se manifestam na fase atual de minha vida. Então, após apresentar o novo processo prático que adotei e as reflexões por trás, é importante falar sobre algumas referências ao longo do processo e considerações feitas durante a pesquisa.

Com o propósito de contemplar o evento do pôr do sol, é preciso que, quando inserido em meus trabalhos fotográficos, a força que este evento possui seja transmitida. Para realizar fotografias com esta intensidade, trabalhos como *The Weather Project* (2003) de Olafur Eliasson são um importante ponto de partida. Iniciei a busca para realizar um trabalho artístico capaz de encantar os olhos e transmitir a força que me instiga, em uma obra que seja uma passível formadora de questionamentos, sem certos ou errados, mas que suportem o mesmo espaço, numa proposta de gerar experiências intensas.

Figura 19 - *The weather project*, 2003, Olafur Eliasson, London, 2003.



Fonte: <https://olafureliasson.net/artwork/the-weather-project-2003/>

Durante investigações sobre mais artistas que tangenciam o poder do sol, e para relacionar a grandeza desse horário que tanto falo a respeito, este trabalho em questão do Olafur é excepcional. O objetivo e temas são completamente distintos,

mas a grandiosidade e impacto visual desse projeto é única. De forma visual e como elemento de uma fotografia, a estrutura desse projeto materializa tudo que sinto quando me torno para o sol se pondo no início da noite. Traduzir essa magnitude é um interesse pessoal dos meus trabalhos, desaparecer com o objeto sol e transmitir sensações semelhantes através de obras autobiográficas é um grande desafio, por isso relacionar a materialidade pessoal dos objetos que encontrei durante a investigação familiar são novos desdobramentos desse processo a serem explorados.

O sol me encanta, me dá energias para seguir adiante, a força necessária para entrar a noite e despertar no dia seguinte. Fascinações como essa são combustíveis para o meu trabalho e de outros artistas mundo afora como Penelope Umbrico, que disse em uma entrevista sobre o seu trabalho *Suns*:

Eu acho que o sol é peculiar, doador da vida por excelência, constante em nossas vidas, símbolo da iluminação, da espiritualidade, da eternidade, de todas as coisas inacessíveis e efêmeras, provedor onipotente de otimismo, calor e vitamina D, e tão fotografado universalmente... Olhando para este espaço virtual encontramos uma janela para o mundo real (Umbrico, 2011).

Figura 20 - *Suns from Sunsets from Flickr*, Penelope Umbrico, 2006.



Fonte: <http://www.penelopeumbrico.net/index.php/project/suns-from-sunsets-from-flickr/>

O sol é minha fonte para a realização deste trabalho e nunca irá sumir das minhas fotografias, a luz natural dele não pode ser substituída, sendo incluída durante todo o processo. O buscar de histórias, a produção artística e a convivência social todas estão iluminadas por ele ao longo do processo.

A partir de uma maior compreensão sobre como ele se comporta e sua iluminação ao longo do horário em questão, segui a minha produção, agora incluindo os objetos e suas memórias nesta investigação. Ao mesmo tempo que o pôr do sol proporciona a *golden hour* quando está no início da sua descida, ele gera uma penumbra escura em sua despedida, um momento de crepúsculo em que a luz fica completamente dispersa e impura. Expressar minhas emoções se torna um evento envolvente dependendo dos meus sentimentos, de forma que tenho uma liberdade para experimentar sensações e expressá-las de forma única nesse horário de ambivalência afetiva.

Entro em uma nova fase de minha pesquisa onde desenvolvo de maneira direta e às vezes oxímora como as emoções que me penetram. Um estudo de um outro nível de leitura das minhas fotografias, entender como quero ser percebido, a relação entre minhas fotografias e minha imagem.

2. O calor

Uma nova etapa se construiu à minha frente, uma nova jornada na forma como iria fotografar e externar minhas sensações sobre o pôr do sol nas fotografias. O sol no horizonte se expandiu para vários pedaços que me trazem ele à memória. Antes onde eu enxergava apenas objetos do dia a dia, acessórios ou decorações, agora carregam histórias consigo, cada uma delas desperta recordações diferentes com as quais aprofundo em novos ensaios.

O surrealismo se situa no coração da atividade fotográfica: na própria criação de um mundo em duplicata, de uma realidade de segundo grau, mais rigorosa e mais dramática do que aquela percebida pela visão natural. Quanto menos doua, quanto menos obviamente capacitada, quanto mais ingênua — mais confiável havia de ser a foto (Sontag, 2004, p. 23).

No livro *Sobre Fotografia* no ensaio *Objetos de Melancolia* a autora fala sobre a relação entre fotografia e o surrealismo na arte. A leitura deste livro me permitiu realizar ainda mais sobre as histórias que conto nas minhas fotografias. Elas são uma percepção minha exibida através de registros fotográficos, uma realidade que eu crio inteiramente naquele momento que eu congelo o tempo na foto. A partir do momento em que inicio a utilizar objetos na minha pesquisa, entender o peso que eles possuem como objetos de memória é fundamental.

Cada aspecto desses objetos são parte das características que moldam suas respectivas memórias. O material do qual são feitos, rachaduras e quebrados, rasgados, manchas e desgastes, tudo tem uma história que pode ou não ser traçada a uma recordação de eventos ou situações marcantes, no meu caso o pôr do sol.

O surrealismo sempre cortejou acidentes, deu boas-vindas ao que não é convidado, lisonjeou presenças turbulentas. O que poderia ser mais surreal do que um objeto que praticamente produz a si mesmo, e com um mínimo de esforço? Um objeto cuja beleza, cujas revelações fantásticas, cujo peso emocional serão, provavelmente, realçados por qualquer acidente que possa sobrevir? (Sontag, 2004, p. 23).

Essa nova entrada em objetos se deu a partir do livro *Pequeno Príncipe*, que quando encontrei estava completamente sujo e empoeirado, estava guardado na casa do meu tio Matheus, filho da minha avó. O livro cheirava a poeira, mas ao mesmo tempo era uma poeira que trazia memórias, é a sensação de que eu já havia visto este livro durante esse processo de empoeirar, largado em cima de uma estante na casa da minha avó. Eu não havia percebido na época, mas ele estava lá, eu vi o tempo desgastar ele, o sol bater nele pela janela e claro estava próximo das rosas cortadas em cima de um pratinho. Semelhantemente as rosas tinham suas memórias encravadas nelas, ainda que temporárias pois se degradam com o tempo por serem flores, diferente de objetos como o livro e as várias cobertas que minha avó costurava que com cuidado duram uma vida inteira.

Minha avó também era uma incrível na criação de roupas, utilizava tanto a velha máquina de costura que ela tinha quanto agulhas e também tricô. Enquanto tinha saúde era o passatempo preferido dela, fazia cobertas, tapetes e até mesmo peças de roupa. A costura e bordado eram sua marca como pessoa, e me recordo sempre chegar na casa dela, muitas vezes estava lá na máquina, acompanhada pelo barulho clássico que essas máquinas fazem ou tricotando enquanto assistia às novelas da tarde na televisão. Tudo em minhas recordações tem tanta cor, é vivido, o sol sempre aparece nas minhas lembranças da minha avó, desses objetos vivos que encontro na minha pesquisa.

Minha avó é um elemento que sempre aparece e retorna na minha vida de uma forma ou outra. Ainda tenho algumas dessas cobertas que ela costurou em casa e vejo sempre minha mãe tricotando e costurando tal qual minha vovó fazia, na mesma máquina com as mesmas agulhas velhas e rolos de linha guardadas quando ela chega

do trabalho no fim da tarde, um ensinamento passado de mãe para filha e me recorda fortemente essas memórias. Enxergo na minha mãe a minha avó de uma forma que todo dia, lembro do pôr do sol de uma forma ou outra, o sol desce no horizonte em algum momento do meu dia.

2.1. Memórias em objetos

Quanto mais voltados ao uso cotidiano mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam. São estes os objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-múndi do viajante... Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador. (Bosi, 2003, p. 26)

Ao continuar entendendo como os objetos autobiográficos que essa pesquisa me apresentava, e também com a leitura do livro *O tempo vivo da memória* de Ecléa Bosi, voltei meus olhares a objetos cotidianos que me despertavam recordações do pôr do sol e encontros com minha avó. O dia a dia aos fins de tarde conforme investigava na minha memória, trouxe consigo mais cobertas e o skate.

Por um curto período da minha infância eu criei uma enorme vontade de andar de skate pela cidade, era uma vontade que surgiu a partir da convivência com amigos que tinha na Igreja Matriz de Campinas (GO) que eu e minha avó frequentávamos. Decidi então começar a praticar e andar um pouco com meus amigos, novamente, durante o fim de tarde, que era quando eu conseguia a companhia deles por conta das aulas vespertinas, e praticava principalmente no trajeto que eu fazia do meu colégio até a casa da minha avó.

O skate me trazia uma liberdade tão grande, e não era como andar de bicicleta, que era mais controlado e equilibrado, era desafiador, intrigante, uma mistura de medo com a sede de aventura de aprender a se equilibrar naquela tábua com rodas. E embora me trouxesse uma sensação de liberdade, eu sempre retornava ao mesmo local ao fim do dia com toda aquela liberdade sob meus pés, era pro café e bolo da vovó, porque no fim era apenas uma criança. Esse skate, eu tenho guardado até os dias de hoje e quando encontrei ele, todo o suor que transpirei durante esses pores do sol veio à memória fortemente. E por ser um objeto de um esporte, ele tem muitas marcas e lembranças com ele. São os ralados no joelho, os quebrados na

prancha, rodinhas desgastadas, a lixa velha, os tênis rasgados de tanta fricção e a lembrança de cada dia e onde ocorreram. E nesse processo em que me encontro, realizando a pesquisa que estou, usá-lo como um experimento em um ensaio fotográfico foi inevitável.

Decidi então realizar um novo ensaio trabalhando o velho skate daquelas voltas para casa da minha avó no fim de tarde, quando o sol começava a sua descida até a minha chegada com ele em tom alaranjado quente. Eu queria sentir a partir das fotografias tudo o que aquele objeto me transmite, e foi um processo encontrar alternativas que me agradassem e se tornassem um passo no meu objetivo comigo mesmo de desenvolver minha identidade como um novo artista, realizei então o ensaio “Liberdade”.

Assim sendo, tal qual o primeiro ensaio onde me desafiei a me inserir na fotografia, tirei também fotos de mim mesmo naquelas horas finais do dia, de alguma forma eu senti a necessidade de inserir o meu ser de forma semelhante àquele objeto. De pouco em pouco desenvolver aspectos mais interiores e delicados para minha pessoa na fotografia. Nan Goldin ao longo de todo o processo vem sendo uma artista importantíssima em compreender o peso e a importância pessoal de fazer esses registros mais interiores ao meu indivíduo, registrar a minha percepção do ocaso e seus desdobramentos na minha vida através de fotografias do íntimo é uma vontade em desenvolvimento.

Figura 21 - *Nan and Brian in Bed*, Nan Goldin, New York City, 1983.



Fonte: <https://www.moma.org/collection/works/101659>

Figura 22 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 23 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 24 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 25 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 26 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 27 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 28 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 29 - Sem Título, 2024. 25,6 x 34 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Ao visitar a casa do meu tio que possui até os dias de hoje os objetos de minha avó, entre terços, colares, roupas e tecidos, me encontrei interessado pelas cobertas da minha avó. Ainda existem várias em bom estado abandonadas e sem uso naquela casa, feitas por ela com suas mãos ou adquiridas em vida e com as sensações dela, as cobertas foram criando força nos meus pensamentos sobre o pôr do sol. Muitas vezes eu passava as noites na casa da minha avó, pois meus pais as vezes não conseguiam me buscar ou era mais conveniente no momento, e eu usava sempre as mesmas cobertas durante aquelas noites, mas também usava elas para me esconder do frio de fim de ano nas tardes com minha avó, jogando no videogame do meu tio na casa dela.

Após o seu falecimento, pegamos algumas coisas e lembranças para serem guardadas, e dentre esses objetos estavam algumas dessas cobertas que pertenciam a ela e eram uma memória reconfortante as ter novamente. A sua máquina de costura também foi herdada por minha mãe, a principal aluna de costura e tricô dela. Durante a pesquisa familiar sobre minha avó me dei conta de que no meu início da fotografia havia utilizado a mesma máquina de costura durante a minha primeira matéria de fotografia, em meus primeiros contatos com a fotografia, a minha avó e suas atividades ao pôr do sol já se revelavam parte de mim.

Figura 30 - *Passatempo*, 2022. 22,5 x 30 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Philippe Dubois (1994, p. 314) fala sobre a fotografia e a arte da memória: “Em suma, essa obsessão que faz de qualquer foto o equivalente visual exato da lembrança. Uma foto é sempre uma imagem mental. Ou, em outras palavras, nossa memória só é feita de fotografias”. Os meus registros fotográficos, conforme eu os imaginava e fazia rascunhos de como seria a realização prática deles eu fui conhecendo mais sobre mim, e entendendo que eu possuo o meu olhar para as imagens desde o clique da câmera até o tratamento da fotografia, durante todo o processo existem imagens mentais que são traduzidas para a realidade, e que se diferem de cada pessoa para outra. Compreender mais sobre os meus registros mentais e como transmiti-los foi um processo de autoconhecimento, como trazer a liberdade do horário em questão, o calor agradável que eu sinto na pele, o horário em si, os sentimentos despertados por ele para a fotografia. Olhar os objetos de interesse e pensar nos seus cenários, materiais, composição, tudo foi sendo uma descoberta às vezes complicada, mas agradável.

Conforme o desenvolvimento do pôr do sol e a metáfora com a vida da minha avó, identifico meu trabalho que se iniciou como entender o ocaso como um espaço para aproximações, agora como um símbolo de nostalgia e busca por afetividade. A minha avó é o meu sol, mesmo em sua ausência física ela nunca esteve distante, estava em objetos, momentos, eventos, e identifico agora ela em pessoas próximas e pretendo desenvolver esta ideia. Aproximar-me de relações por muito tempo distantes me faz bem e utilizar da fotografia como um passo para desenvolver tanto meu lado social quanto artístico vem se revelando desafiador. Tocar os acúleos de uma rosa que me machucou por tanto tempo e enxergar o lado positivo do fim, da partida do sol, da luz quente e a chegada da noite e a escuridão resultou nessa pesquisa, e em trabalhos que nunca imaginei. Creio que esta abordagem, assim como realizei nessa pesquisa, de enfrentar desafios internos e se expor ao sensível se torna fundamental para o desdobrar do olhar artístico e de novas perspectivas sobre a própria produção.

Na medida em que se assume esta conexão possível com o passado (sendo este pretérito mais recente ou distante), admite-se também que estes vestígios possuam um itinerário, e que quando situado junto ao sujeito, este objeto permite o cruzamento de itinerários possíveis, entre quem utiliza e quem é utilizado. Assim, não se trata de possuírem uma essência, ou ainda, tais objetos não se definem como prontos e acabados: invés disso, são postos como tecituras, tramas em movimentos. (HAYASHI, 2022, p. 4)

Ao unificar os novos desdobramentos do pôr do sol que estavam ao meu alcance depois de tanto tempo, percebo que nada é isolado completamente de outros fatores, todos os objetos autobiográficos se encontram, quaisquer emoções despertadas por este horário, boas ou ruins, se encontram no ocaso. A máquina de costura não acaba nela mesma, ela atravessou minha avó, minha mãe e as experiências dela, e semelhantemente, todos estes objetos interferem em meu âmago por inteiro, sendo atravessado por essas memórias, as histórias se somam e com essa força que elas me criam, utilizo agora para desenvolver meu olhar fotográfico e artístico.

Depois desse período de entendimento sobre como trabalhar estes novos elementos que surgiram ao longo do trabalho, comprei alguns tecidos *voil* e *organza* nas cores com que eu mais me identificasse com o pôr do sol. Estes tipos de tecidos são bastante usados em cortinas, e dona Zilza além de cobertas e roupas, também tinha a habilidade para fazer boas cortinas. A fim então de transmitir tudo que eu sinto e desvendei ao longo do trajeto, realizei outro ensaio fotográfico sem nome, trazendo à realidade material meus registros mentais.

Durante este processo, assisti ao filme “Viva - A vida é uma festa”, um filme que minha irmã sempre me instigou a assistir desde o falecimento da minha avó, mas nunca me senti atraído por ele tanto pelo tema quanto pelo estilo gráfico do filme. Com o decorrer desta pesquisa decidi assistir finalmente à essa obra, que me surpreendeu e agora possuo um valor sentimental enorme por ele. O filme em suma, à sua própria maneira, diz respeito às questões como a morte e o ambiente familiar, onde trabalha várias questões profundas de um indivíduo e o meio o qual ele está inserido e a forma como este lida com tais questões.

Figura 31 - Filme: Viva - A vida é uma Festa, 2017.



Fonte: <https://www.aplateia.com.br/2020/08/25/viva-a-vida-e-uma-festa-e-o-amor-em-familia/>

Assistir este filme no caminho final da minha pesquisa foi muito importante para minha pessoa e esse primeiro passo na fotografia, um filme que amplia meu olhar ao falar sobre a família e entender a influência do meio familiar na subjetividade. Falar sobre perdas, a partida de dona Zilza é uma maneira de honrar a memória que eu tenho e quem a conhecia têm dela, uma forma de manter sua existência viva e lembrar, à minha maneira, dos momentos que passaram. A família é um fator importante na minha vida e vejo agora a importância de valorizá-la, um ambiente motivador para me aprofundar.

Figura 32 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 33 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital.



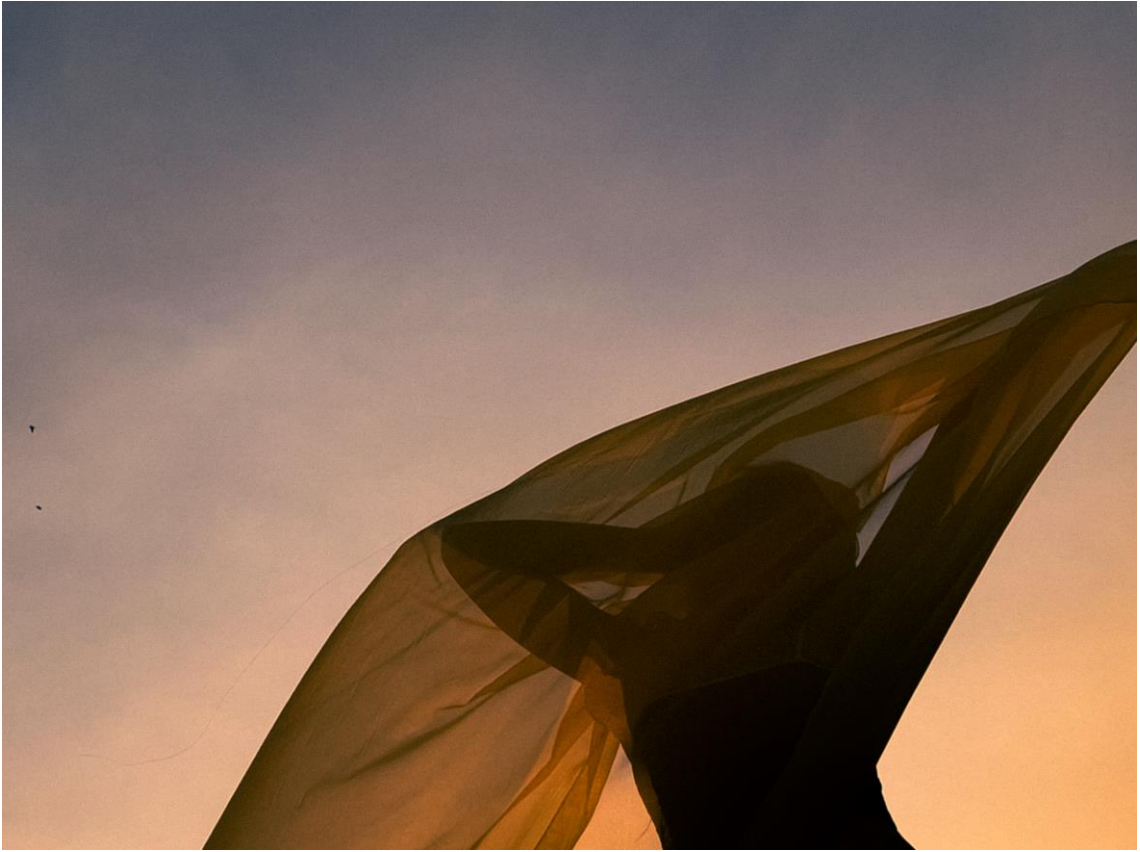
Fonte: Acervo Pessoal

Figura 34 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital.



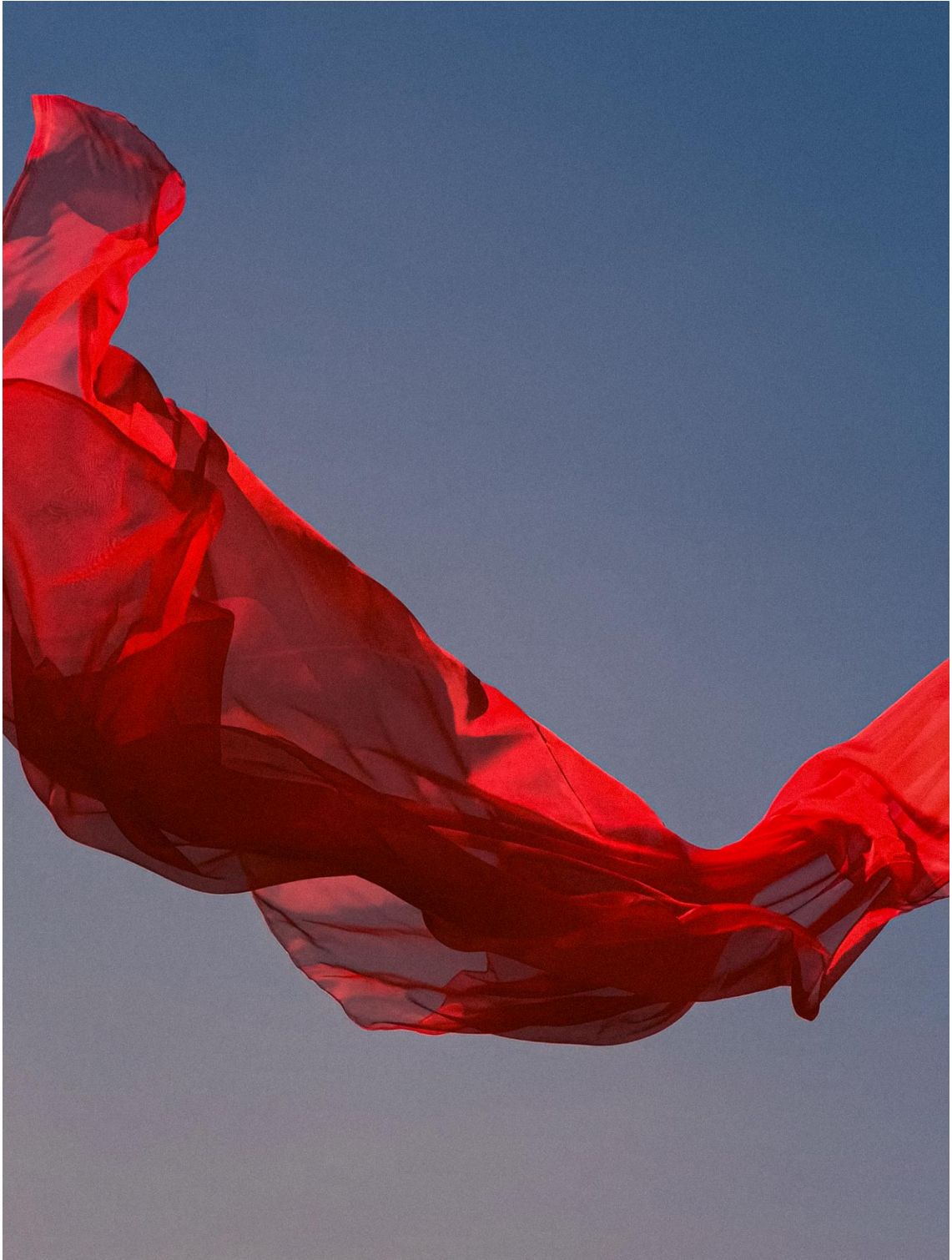
Fonte: Acervo Pessoal

Figura 35 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 36 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 37 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital.



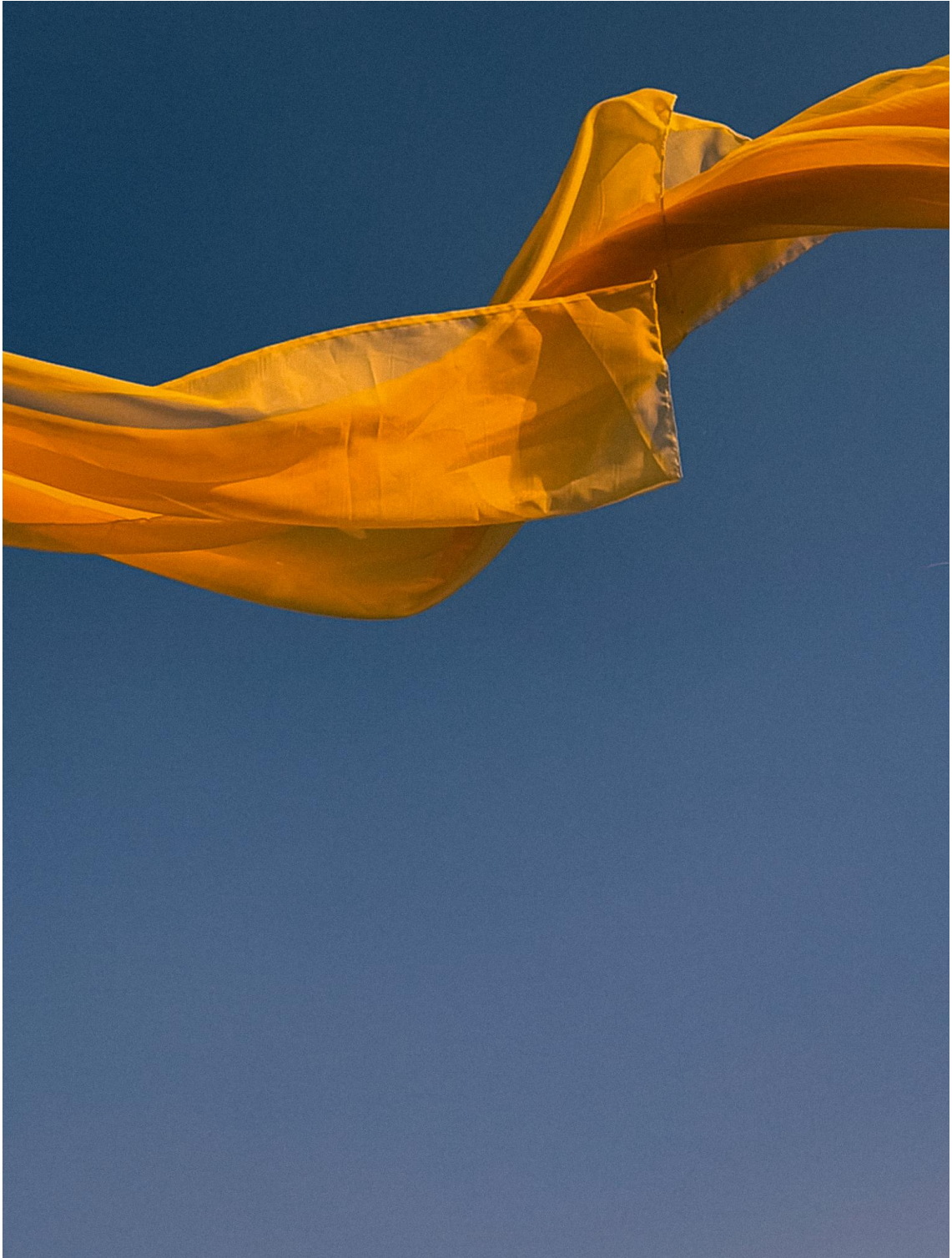
Fonte: Acervo Pessoal

Figura Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital.



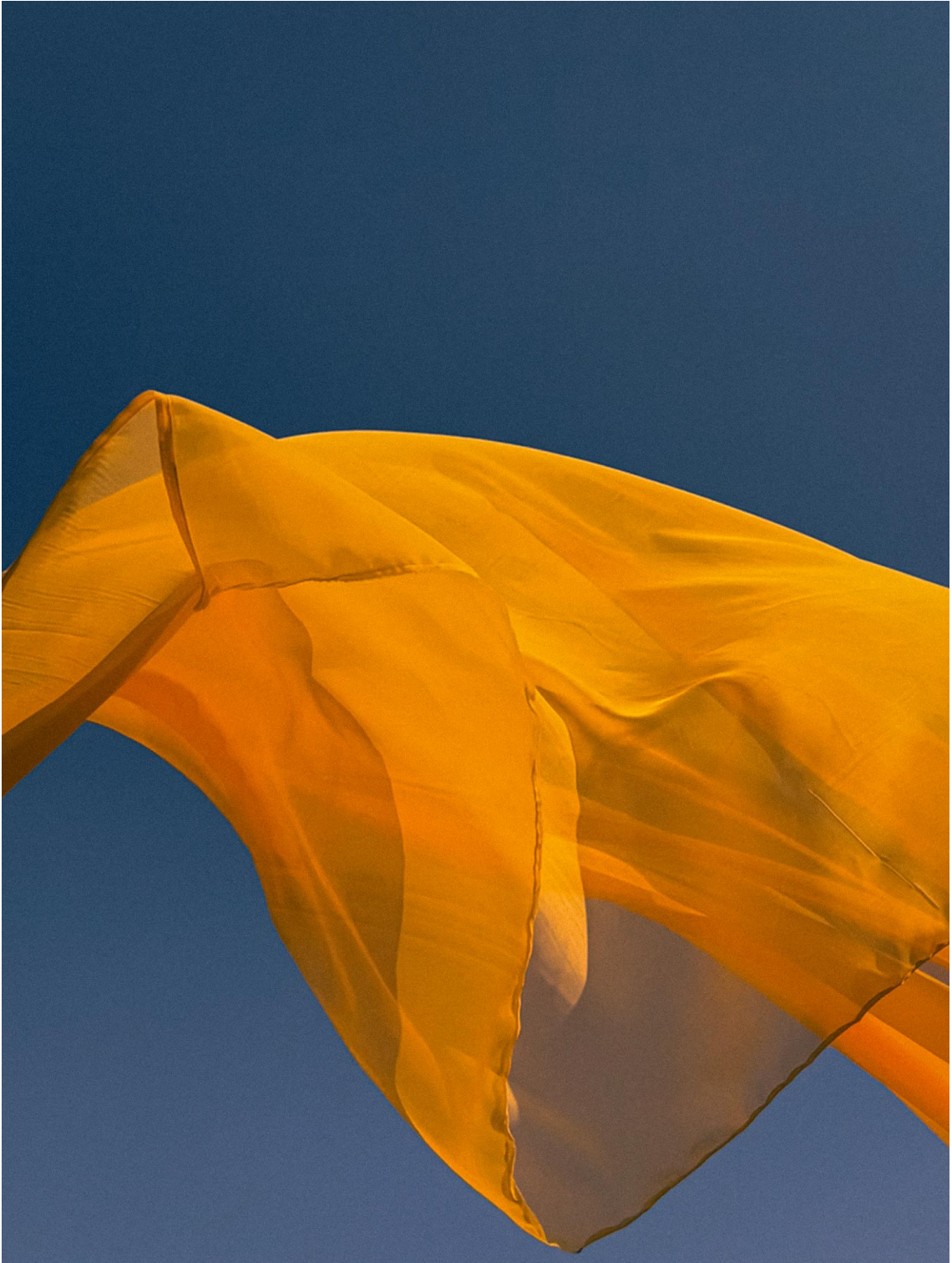
Fonte: Acervo Pessoal

Figura 39 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 40 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 41 - Sem Título, 2024. 34 x 25,6 cm. Fotografia Digital.



Fonte: Acervo Pessoal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas coisas mudaram e amadureceram em meu pensamento desde o início durante as primeiras experimentações fotográficas até o presente momento.

No início desta pesquisa, não entendia completamente o valor de convivências familiares, porém, ao longo da prática e das pesquisas na família, mudei meu pensamento e entendi que não sou isolado deles e que estes me moldaram de alguma forma. É essa maneira de pensar que transforma simples conversas no fim do dia, lanches, idas e vindas, em momentos especiais.

Observar o pôr do sol é lembrar que mesmo coisas simples têm uma memória carregada nelas, só é necessário um olhar mais atento, partindo desde o caminhar do colégio até a moradia da minha avó até a recomendação de um mero livro. Todos os dias ele acontece, mas nunca é o mesmo.

Vejo a importância que este elemento foi criando na minha produção no decorrer da pesquisa e o significado que adquiriu. Do ocaso descobri a influência da minha avó em toda minha vida, o pôr do sol se torna uma grande metáfora sobre tudo que vivi com ela. O pôr do sol que era elemento principal das fotografias agora se encontra escondido nos detalhes, na intimidade, em objetos, na memória. São fotos de pôr do sol sem ele, escondido, subjetivo.

Deste tema, surgiram vontades de me aprofundar mais em questões como melancolia, amor e a relação de presença e ausência, trabalhar a perda e a família. Estas que em determinado momento, extrapolam a ideia inicial de intimidade e personalidade. A instituição familiar que antes negligenciava, agora se torna um elemento aconchegante que me move, o qual almejo desenvolver, um espaço onde a afetividade é motivadora, promove auto desafios para o meu indivíduo, desde tópicos de trabalhos ou à minha imagem.

Notei também a importância das cores em minha produção. No início do meu caminhar na arte, me mantive em uma paleta de cores escuras e pálidas, que ganharam vida ao decorrer de minha pesquisa. Pretendo continuar a explorar as cores e as sensações boas que elas podem carregar em trabalhos futuros. Enxergar cor na perda foi um processo difícil, mas que enxergo agora como formas de recordar dos

vívidos e gratificantes momentos que tive, onde abandono o preto e branco, o cinza pálido e sem vida.

Iniciei esta investigação almejando um momento no qual me dedicasse verdadeiramente à minha prática artística. Possuo agora ensaios e fotografias que carregam um pouco de mim em cada uma delas. Diante do percurso trilhado, entendo que este se trata apenas do começo, um pequeno passo para cada vez mais aprofundamentos. Seguindo a luz desta pesquisa, pretendo criar muitas outras.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Virgínia Gil. **Antonio Manuel e Artur Barrio: um estudo sobre o autorretrato fotográfico e a arte contemporânea no Brasil**. Disponível em: <http://estudosculturais.com/congressos/europe-nations/pdf/0159.pdf>. Acesso em 02 set 2024.
- BORTOLIN, Rayane de Oliveira; NERY, Roseli. **O OBJETO COTIDIANO: DA PERIFERIA DO OLHAR À POÉTICA ARTÍSTICA**. In: Existências: Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP. Anais...Recife(PE) On-line, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/31enanpap2022/513475-o-objeto-cotidiano--da-periferia-do-olhar-a-poetica-artistica/>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- BOSI, Ecléa. (2003). **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo(SP): Ateliê Editorial. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/462947143/Eclea-Bosi-O-tempo-vivo-da-memoria>. Acesso em: 22 jun. 2024
- CAUQUELIN, A. **Arte contemporânea, uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, p. 127-167, 2005.
- CANTON, Katia. **Tempo e memória** / Katia Canton. - São Paulo ; Editora WMF Martins Fontes, 2009. - [Coleção temas da arte contemporânea]. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/214314326/Tempo-e-Memoria-de-Katia-Canton>. Acesso em: 05 set. 2024.
- COSTA, Robson Xavier da. Artivismo preto: poética do isolamento de Guto Oca. In: **Arte & Crítica**. São Paulo SP, nº 55, ano XVIII, setembro de 2020. Disponível em <http://abca.art.br/httpdocs/artivismo-preto-poetica-do-isolamento-de-guto-oca-robson-xavier-da-costa/>. Acesso em 13 maio. 2024.
- DA COSTA, Márcia Rodrigues. **O autorretrato de Vivian Maier, para além do real**. Dispositiva, v. 6, n. 9, p. 141-154, 9 maio 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/15034>. Acesso em: 11 set. 2024.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução Marina Appenzeller, Campinas SP: Papyrus, 1993. p. Disponível em: <https://cteme.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/03/dubois-philippe-o-ato-fotografico-e-outros-ensaios-2.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.
- FREUD, S. (1980). **Recordar, repetir e elaborar** (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 191-203). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914). Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/422540910/Recordar-Repetir-e-Elaborar-FREUD-pdf>. Acesso em: 05 set. 2024.
- FREUD, S. **Luto e melancolia** (1917). A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Direção-geral de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 249-263. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6781064/mod_resource/content/1/Freud%20Luto%20e%20Melancolia.pdf. Acesso em: 10 set. 2024.
- HARRISON, Charles. **Modernismo**. Tradução de João Moura Jr., São Paulo: Cosac Naif Edições, 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/338169567/Modernismo-Charles-Harrison-pdf>. Acesso em: 23 jun. 2024

- HAYASHI, Priscila Akimi. **A MEMÓRIA RECONTADA POR OBJETOS BIOGRÁFICOS**. In: Existências: Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP. Anais...Recife(PE) On-line, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/31ENANPAP2022/513256-A-MEMORIA-RECONTADA-POR-OBJETOS-BIOGRAFICOS>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- MACARRI, Monique. **Um sítio para a pintura : a natureza como meio para aproximações**. Tese (Graduação de Bacharelado em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais. Porto Alegre, p. 12-82. 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/216600>. Acesso em 23 maio. 2024.
- NITZAN, Ana. **Sublimação**. Besi Brasil; 1ª edição (1 janeiro 2014)
- QUERIDO, Alessandra Matias. **Autobiografia e autorretrato: cores e dores de Carolina Maria de Jesus e de Frida Kahlo**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 20, n. 3 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000300016>. Acesso em 11 set. 2024.
- REGINA, Eliane. **Afetividade e nostalgia: um estudo das cores do pôr do sol**. Tese (Graduação de Bacharelado em Artes Visuais) - Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, p. 13-37. 2019. Disponível em: <https://pergamum.ufpel.edu.br/pergamumweb/vinculos/0000de/0000de80.pdf>. Acesso em 12 maio. 2024.
- REY, Sandra; BRITES-UFRGS, B. ; TESSLER, E. ; LANCRI, J. . **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais**. In: Blanca Brites; Élide Tessler. (Org.). Metodologia da Pesquisa em Artes Visuais. Porto Alegre: UFRGS, 2002, v. , p. 123-140. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/529/2022/03/BRITES-Blanca_-TESSLER-Elida-org-O-meio-como-ponto-zero-Por-uma-abordagem-metodologica-da-pesquisa-em-artes-visuais.pdf. Acesso em 17.jun. 2024.
- REY, Sandra. **Da Prática à Teoria: Três instâncias metodológicas da pesquisa em poéticas visuais**. Revista Porto Arte, Porto Alegre, v. 9, n.13, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27713>. Acesso em: 17 jun. 2024.
- RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. (2021). **PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA EM ARTE APONTAMENTOS INICIAIS**. Revista nós: cultura, estética e linguagens ♦ ISSN 2448-1793, Volume 06(Número 01 - 2021), 95–130. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.4818090>. Acesso em: 22 jun. 2024
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 31.ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1987.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado : processo de criação artística**. Almeida Salles. São Paulo : FAPESP : Annablume, 1998. Disponível em: https://www.academia.edu/10982636/SALLES_Cecilia_Almeida_Gesto_inacabado_p_rocesso_de_criação_artística. Acesso em 13 maio. 2024.
- SONTAG, Suzan. **Sobre fotografia**, Trad.: Rubens Figueiredo, São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004. Disponível em: <https://doceru.com/doc/vn51>. Acesso em 10 out. 2024.